

# *Observando o littorio do outro lado do Atlântico: a opinião pública brasileira e o fascismo italiano, 1922-1943\**

João Fábio Bertonha\*\*

Os textos disponíveis sobre a relação do Brasil com a Itália fascista analisam tradicionalmente as relações diplomáticas Roma/Rio de Janeiro e o lento distanciamento dos dois países em direção ao rompimento e à guerra na década de 1940.<sup>1</sup> Existem também alguns livros e artigos estudando o esforço italiano

---

\* Esse artigo é uma versão reduzida de parte do capítulo 7 da tese de doutorado que defendemos no departamento de História da UNICAMP em dezembro de 1998, com o título *Sob o signo do fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*.

\*\* Doutor em História Social/UNICAMP e Professor Colaborador de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá.

<sup>1</sup> Ver Amado Luís Cervo, “As relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861”, in Luís Antonio De Boni, *A presença italiana no Brasil*, v. 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pp. 21-35; idem, *As relações históricas entre o Brasil e a Itália — O papel da diplomacia*, São Paulo/Brasília, Instituto Italiano de Cultura/Editora da UnB, 1992. Ricardo Seitenfus, *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos — O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985; idem, “As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1930”, in José Luís de Boni, op. cit., pp. 37-52; idem, “Quatro teses sobre a política externa brasileira nos anos 30”, in José Augusto Guilhon Albuquerque, *Sessenta anos de política externa brasileira, 1930-1990 — Crescimento, modernização e política externa*, v. 1, São Paulo, NUPRI-USP/Cultura Editores Associados, 1996, pp. 115-160. João Fábio Bertonha, “O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista (1922-1942)”, *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 40, n. 2, 1997, pp. 106-130.

em direção ao integralismo e ao Estado Novo <sup>2</sup> e um início de trabalho para reconstruir a rede de propaganda que o governo italiano instalou no país no período entre guerras com o intuito de dirigir aos brasileiros uma mensagem pró-Itália e pró-fascismo.<sup>3</sup> Falta, contudo, algum tipo de análise que procure delimitar o grau de popularidade e consenso obtido pelo fascismo entre os diversos grupos que formavam a sociedade brasileira daquele período. É nesse sentido que este artigo foi escrito.<sup>4</sup>

Antes de iniciarmos nossas discussões, porém, são fundamentais algumas observações metodológicas e a respeito dos limites desse texto. Em primeiro lugar, é necessário ressaltar a dificuldade em se trabalhar a questão da opinião pública, objeto extremamente fluido e onde emoções subjetivas de difícil avaliação se sobrepõem às análises racionais e aos fatos mais objetivos.<sup>5</sup> Em outras palavras, o que queremos ressaltar é que nem sempre a relação das pessoas com o fascismo foi inteligível e lógica — daí a dificuldade de recuperá-la —, e que questões subjetivas como a empatia e a irracionalidade, apesar de não serem trabalhadas a fundo nesse texto,<sup>6</sup> não devem ser descartadas.

Posto isso, é básico ressaltar que o autor está consciente da necessidade de um viés analítico que combine uma avaliação global da popularidade do fascismo dentro da sociedade brasileira com estudos específicos sobre grupos particulares dessa sociedade. Tal posicionamento emana da convicção de que a imagem do fascismo não era una e que ele podia significar coisas diferentes para pessoas e grupos sociais diferentes.<sup>7</sup> Essa concepção está

---

<sup>2</sup> Ver os trabalhos de Ricardo Seitenfus citados na nota anterior. João Fábio Bertonha, op. cit.; idem, “Between the Sigma and the Fascio. A balance of the relationship between the Italian Fascism and the Brazilian Integralism”, *Luso Brazilian Review*, no prelo. Mario Toscano, “Il fascismo e l’Estado Novo”, in Renzo de Felice, *L’emigrazione italiana in Brasile, 1800-1978*, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1980, pp. 235-270. Ângelo Trento, “Relações entre fascismo e integralismo: o ponto de vista do Ministério das Relações Exteriores italiano”, *Ciência e Cultura*, v. 34, n. 12, 1982, pp. 1601-1613.

<sup>3</sup> Ver João Fábio Bertonha, “Divulgando o *Duce* e o fascismo em terra brasileira: A propaganda italiana no Brasil, 1922-1945”, *O Olho da História — Revista de História Contemporânea*, Salvador, 1999, no prelo.

<sup>4</sup> Ressalte-se que não discutiremos, obviamente, apenas a reação da população brasileira à propaganda italiana, mas sim o relacionamento dessa população com as diversas imagens do fascismo que chegavam ao país através da propaganda italiana e também por outros meios.

<sup>5</sup> Ver John Diggins, *L’America, Mussolini e il fascismo*, Bari, Laterza, 1972, pp. 1-3.

<sup>6</sup> Um dado nesse sentido é o fascínio que a figura de Mussolini parecia exercer sobre os brasileiros, suplantando a popularidade do próprio fascismo em alguns momentos. Índícios dessa influência (positiva e negativa) são comuns em diversas das fontes trabalhadas.

<sup>7</sup> Ver John Diggins, “Flirtation with fascism: American pragmatic liberals and Mussolini’s Italy”, *American Historical Review*, v. 71, n. 2, jan. 1966, pp. 487-506.

tão presente em nossa análise que estudos específicos sobre grupos-chave da sociedade brasileira (como o governo, os católicos e a imprensa) já estão em fase de preparação pelo autor.<sup>8</sup>

Tais estudos não poderão ser reproduzidos aqui por simples questão de espaço. Entendemos, porém, que existem elementos para certas ponderações mais gerais, as quais se apresentam nesse artigo, elaborado com a intenção clara de estimular novos estudos sobre o continuamente esquecido campo da opinião pública e de seu inter-relacionamento com o mundo da política. Nesse sentido, a referência aos caminhos e às possibilidades com relação a estes temas no entre guerras não é ocasional e reflete um interesse explícito de indicar as enormes possibilidades nessa área.

### ***A sociedade brasileira e o fascismo: a evolução temporal da questão***

É patente — apesar de haver poucas informações disponíveis sobre o tema — que a visão da opinião pública brasileira sobre o fascismo no decorrer da década de 1920 era ainda bastante fragmentária e limitada, provavelmente devido ao fato de que o fascismo ainda era considerado algo italiano e que não deveria interessar aos estrangeiros.<sup>9</sup> Por outro lado, a propaganda de Roma era concentrada no interior das coletividades italianas do Brasil.<sup>10</sup> De fato, há registros de que, apesar das notícias vindas da Itália serem amplamente difundidas na mídia brasileira, o interesse pela ideologia fascista em si não era tão elevado e que uma grande ignorância persistia sobre a mesma.<sup>11</sup>

Em linhas gerais, porém, pode-se dizer que, apesar dessa ignorância generalizada e de alguns poucos momentos em que a opinião pública se voltou contra o fascismo,<sup>12</sup> este era em geral bem visto, ao menos pelas elites,

---

<sup>8</sup> Ver João Fábio Bertonha, “Entre a cruz e o *fascio littorio*: a Igreja Católica Brasileira, os missionários italianos e a questão do fascismo, 1922-1943”, *História e Perspectivas*, Uberlândia, no prelo. Em relação aos, ver também nossa tese de doutorado, já citada.

<sup>9</sup> Ver Renzo De Felice, *Explicar o fascismo*, Lisboa, Editorial 70, 1978, I, 1.

<sup>10</sup> Ver João Fábio Bertonha, “Divulgando o Duce...”, op. cit.

<sup>11</sup> No final do artigo encontra-se a lista das siglas utilizadas nas notas de rodapé. Vide Archivio Centrale dello Stato/Segretaria Particolare del Duce (doravante ACS/SPD) — Carteggio ordinario, b. 719, p. 210842, “Pro Memoria sulla propaganda italiana fatta nel Brasile dal Prof. Ferruccio Rubbiani, 1930”.

<sup>12</sup> Foi grande a comoção gerada pelo assassinato de Matteotti em 1924, mas o próprio embaixador ressaltava que o sentimento antifascista logo havia se dissipado. Ver telegrama de Badoglio a Mussolini, 25 jun. 1924, in *Documenti Diplomatici Italiani*, Sétima Série, III, doc. 335, p. 194.

como a força que havia restaurado a ordem na Itália, dando início a um período de grandeza. Ou, como dizia Pessoa de Queiroz, diretor do *Jornal do Comércio*:

Para aqueles que se recordam da situação italiana de alguns anos atrás, não pode existir nada além de admiração pelas idéias e pela obra da grande falange patriótica e regeneradora que acolhe no seu seio a fina flor da juventude italiana [...] e pelo Fascismo, que é a expressão das verdadeiras aspirações do país, ao qual restituiu a ordem e no qual eficientemente opera para o seu progresso e para a sua grandeza.<sup>13</sup>

Essa situação começou a se modificar no final da década de 1920 e início da de 1930, quando a opção fascista parou de ser vista como adequada apenas à Itália e as supostas conquistas e realizações do regime passaram a ser observadas com maior interesse e atenção.<sup>14</sup> Dentre estas, a grande vedete era a teoria do corporativismo, que passou a atrair cada vez mais a atenção da intelectualidade e da opinião pública brasileiras<sup>15</sup> a partir desse momento.<sup>16</sup> O interesse pelo fascismo, porém, ainda não era tão grande. No meado da década de 1930, de qualquer forma, o fascismo teve a oportunidade de testar sua popularidade por ocasião de sua primeira grande aventura militar: a guerra da Abissínia.

Como aconteceu em boa parte do mundo, a opinião pública brasileira parece ter se dividido no tocante à questão da guerra entre a Itália e a Abissínia e a primeira causa dessa divisão era ideológica. De fato, enquanto a solidariedade de idéias fazia os integralistas apoiarem a guerra fascista,<sup>17</sup> o oposto também era verdadeiro, com a esquerda brasileira condenando o regime de Mussolini e apoi-

---

<sup>13</sup> “La Denigrazione del fascismo e le Dichiarazioni di una personalità brasiliana”, *I fasci italiani all'estero*, v. 1, n. 5, 12 jun. 1924. Ver outra entrevista no mesmo tom em *Il Legionario*, v. 3, n. 26, 26 jun. 1926. Estes eram os jornais da *Segreteria Generale dei fasci all'estero*.

<sup>14</sup> Vide os pedidos de informação de brasileiros sobre o fascismo nos arquivos do Ministero della Cultura Popolare (doravante MinCulPop), que crescem notavelmente a partir de 1930. Ver também outros comentários nesse sentido em Arquivo Diplomático Americano (doravante ADA), rolo 4/380, código 832,00, relatório “Italian Activities in Brazil”, 6 Jan. 1939, fotograma 19, p. 60.

<sup>15</sup> Vide Kazumi Munakata, *A legislação trabalhista no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1981; e José Arthur Rios, *Aspectos políticos da assimilação do italiano no Brasil*, São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1959, p. 63.

<sup>16</sup> Vide as palavras favoráveis ao corporativismo pronunciadas pelo deputado Azevedo, presidente do Congresso Brasileiro, já em 1928, quando de sua visita à Itália, em *Colombo*, III, 2, 15 apr. 1928, pp. 84-85.

<sup>17</sup> Vide os jornais integralistas da época; carta do integralista Alberto Cotrin Duarte ao fascista Ettore Giorno, 20 maio 1936, comemorando, em nome da solidariedade fascista e latina, a vitória italiana e a derrota inglesa, in Archivio Centrale dello Stato/Ministero della Cultura

ando os antifascistas italianos em ação no Brasil<sup>18</sup> na sua campanha contra a guerra.

A apreciação positiva do fascismo também fez largos setores das classes dirigentes e intelectuais apoiarem a agressão italiana,<sup>19</sup> enquanto o governo brasileiro, apesar de ser simpático ao fascismo e apoiar decididamente a Itália, parece tê-lo feito por interesses políticos e comerciais próprios e não por simples solidariedade ideológica.<sup>20</sup> Ainda assim, é possível dizer que estes grupos tenderam a apoiar o fascismo na sua guerra.

Outra argumentação fascista que levou certas pessoas, especialmente os intelectuais, a apoiarem o regime foi a solidariedade latina. Há, de fato, informes a respeito da publicação de livros sobre a latinidade no período,<sup>21</sup> de conferências pronunciadas sobre o tema<sup>22</sup> etc., o que indica que a solidariedade latina teve algum peso na tarefa de gerar simpatia entre a população brasileira para a guerra fascista. Ainda assim, o fato dessa questão da latinidade<sup>23</sup> não ser, como foi em outros lugares, um catalisador e uma arma para o conflito político local,<sup>24</sup> diminuiu o seu efeito como instrumento de aproximação entre brasileiros e italianos no momento da guerra.

---

Popolare, Divisione Generale di propaganda (doravante ACS/MinCulPop, DGP), b. 273, f. 10, sottof. 4, p. "Invio pubblicazione nel Brasile". Em muitos lugares do Brasil, os integralistas comemoraram juntos com os fascistas italianos a conquista do Império. Em Capivari, pequena cidade do interior de São Paulo, integralistas e fascistas promoveram uma grande manifestação conjunta para comemorar a derrota abissínia, cf. Aprígio de Almeida Jr., *1936 — A comunidade italiana de Capivari entre o fascio e o sigma*, Piracicaba, UNIMEP, 1997, mimeo, vários momentos.

<sup>18</sup> Para considerações iniciais a respeito dessa colaboração, vide João Fábio Bertonha, "A resistência além-oceano: os 'fuorusciti' italianos e a experiência antifascista brasileira dos anos 30", *Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, dez. 1995, pp. 59-75.

<sup>19</sup> *Documenti Diplomatici italiani*, oitava série, doc. 802, p. 821, telegrama de Cantalupo a Mussolini, 24 ago. 1935.

<sup>20</sup> Id., doc. 523, p. 498, telegrama de 30 out. 1935; doc. 569, p. 545, telegrama de 6 nov. 1935 e doc. 523, pp. 498-500, telegrama de 30 out. 1935.

<sup>21</sup> ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. "Ave Roma", Comunicado do Consulado de São Paulo, 14 jul. 1936.

<sup>22</sup> Ver Carlo Foà, *Nazionalismi sudamericani*, Milano, Il Popolo d'Italia, 1937.

<sup>23</sup> Para a reelaboração que o fascismo fez do conceito de latinidade de forma a poder utilizá-lo para seus fins, vide Alberto Filippi, *Instituciones e ideologías en la independencia hispano americana*, Buenos Aires/Madrid, Alianza, 1988.

<sup>24</sup> É realmente interessante notar como, em certos países, o posicionamento pró ou contra a guerra fascista interagiu diretamente com o equilíbrio político das etnias no interior de cada país, o que não ocorreu no Brasil. Ver Elisa Signori, "I rifugiati italiani di orientamento liberale nel Canton Ticino dal 1943 al 1945", *Critica Storica*, XIV, n. 4, dec. 1977, pp. 51-81: a autora

Quanto às classes populares, não há indícios da existência de um grande e organizado movimento pacifista e de defesa da *Sociedade das Nações* como o que surgiu, por exemplo, nos Estados Unidos e, especialmente, no Reino Unido.<sup>25</sup> Por outro lado, também não há sinais de uma mobilização popular (com a exceção das coletividades italianas) a favor da guerra no Brasil e as próprias fontes fascistas são ambíguas a esse respeito,<sup>26</sup> o que dificulta a elaboração de conclusões definitivas. As fontes diplomáticas britânicas, contudo, nos esclarecem que a maioria dos brasileiros ficou com a Abissínia, “apesar da intensa propaganda conduzida pela Itália na imprensa e da presença de uma imensa coletividade italiana”.<sup>27</sup> Informação esta que mereceria, de qualquer forma, ser confirmada com mais pesquisa.

Foi possível reconstruir com mais detalhes, contudo, um aspecto da relação das classes populares brasileiras com a guerra da Abissínia: a revolta da população negra brasileira com o fascismo.

Dizer que a população de origem africana de São Paulo se sentiu ultrajada pela ação de um país europeu contra a última nação africana livre seria quase um lugar comum, confirmado pelas fontes fascistas<sup>28</sup> e equivalente ao

---

aborda o caso suíço, onde a latinidade e a italianidade do cantão Ticino serviam como fator de equilíbrio entre os diferentes cantões. Para os casos belga e sul-africano (onde valões e *boers* apoiaram a guerra fascista em oposição a flamengos e anglos), ver Anne Marie Wegnez, “Les réactions liégeoises au conflit italo-ethiopien”, *Revue Belge d’Histoire Contemporaine*, v. 5, n. 1/2, 1974, pp. 101-122; e Gabriele Sani, *History of the Italians in South Africa, 1489-1989*, Zonderwater Block South Africa, 1990. O caso canadense (onde os habitantes de Quebec cerraram fileiras em torno da guerra fascista para se auto-afirmarem frente aos anglos) é estudado em Luigi Bruti Liberati, *Il Canada, l’Italia e il fascismo*, Roma, Bonacci, 1984, cap. 3.

<sup>25</sup> Ver Giuliano Procacci, *Il socialismo internazionale e la guerra d’Etiopia*, Roma, Riuniti, 1978, pp. 51-89; e Daniel Waley, *British public opinion and the Abyssinian war, 1935-36*, Londres, Maurice Temple Smith, 1975. Ver também Giuliano Procacci, *Dalla Parte dell’Etiopia*, Milano, Franco Angeli, 1984, onde o autor analisa as reações à guerra fascista nos diversos países coloniais da Ásia, África e Oriente Médio. Infelizmente, porém, a América Latina não é contemplada no seu estudo, o que nos impede de verificar a existência de sentimentos pacifistas baseados no anticolonialismo da população brasileira, os quais não são improváveis.

<sup>26</sup> Telegrama do embaixador Cantalupo a Mussolini, 9 out. 1935, *Documenti Diplomatici Italiani*, doc. 302, p. 283. Nesse telegrama o embaixador comunicou que a população brasileira, em geral, era pró-Abissínia. Ver também telegrama de 3 jan. 1936, in *Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri/Ministero della Cultura Popolare* (doravante ASMAE/MinCulPop), b. 394, p. “Correio da Manhã”. Nesse segundo telegrama era informado que o uso sábio da máquina de propaganda havia revertido a situação. Como se vê, dados ambíguos e insuficientes.

<sup>27</sup> Public Record Office, Foreign Office (doravante PRO, FO) 371/19767, A3819, relatório da embaixada britânica de 16 Apr. 1936. Ver também FO 371/20193, A1821, relatório da embaixada britânica, 6 Aug. 1936.

<sup>28</sup> Vide *Documenti Diplomatici Italiani*, oitava série, v. 1, doc. 802, p. 821, telegrama do embaixador Cantalupo a Mussolini, 24 ago. 1935; relatório reservado sem data em ASMAE/Affari

ocorrido em outros lugares.<sup>29</sup> Explicar esse posicionamento, contudo, parece ser algo um pouco mais difícil do que parece à primeira vista. Claro que a Abissínia foi tema de discussão e conflito,<sup>30</sup> mas um estudo que procurasse entender porque negros e italianos ficaram em campos opostos em São Paulo em 1935 e 1936 deveria levar em conta também as relações entre os dois grupos, a competição/solidariedade entre eles naquele período e outros pontos. Dessa forma, poderíamos reproduzir em São Paulo o excelente trabalho de Nadia Venturini<sup>31</sup> sobre a questão em Nova York e enriquecer muito a limitada literatura disponível sobre o relacionamento interétnico na São Paulo do entre guerras.

Não é este, porém, o espaço para tal tarefa. O que devemos fazer aqui é identificar o posicionamento dos negros brasileiros (ou, ao menos, de sua parte mais organizada politicamente) em relação à guerra e a aliança de parte da comunidade negra com os antifascistas italianos em atuação em São Paulo naquele momento.

Temos informações de que o movimento negro organizado se posicionou firmemente contra a agressão fascista e que não permitiu que a questão abissínia fosse reduzida a uma luta de raças, aceitando colaborar com os antifascistas italianos e não identificando na raça italiana o agressor.<sup>32</sup> Também sabemos que negros e antifascistas italianos participaram de cerimônias

---

Politicis 1931-1945, Brasile, b. 23, f. 9, “Antonio Corrado Limongi”; e uma explicação de fundo racista para explicar o posicionamento antiitaliano dos negros brasileiros em Renato Ranieri, “Il problema razziale brasiliano”, *La Difesa della razza*, v.3, n. 7, 5 fev. 1940, pp. 39-42.

<sup>29</sup> Ver Fiorello Ventresco, “Italian Americans and the Ethiopian crisis”, *Italian Americana*, v.6, n.1, Oct./Dec. 1980, pp. 4-28; Nadia Venturini, *Neri e italiani ad Harlem — Gli anni trenta e la guerra d’Etiopia*, Roma, Lavoro, 1990; Robert Weisborn, “Black America and the Italian Ethiopian crisis: An episode in pan negroism”, in *Ebony kinship — Africa, Africans and the Afro Americans*, London-Westport, Greenwood Press, 1973, pp. 89-114; William Scott, *The sons of sheba’s race — African Americans and the Italo-ethiopian war, 1935-1941*, Indianapolis, Indiana University Press, 1993; Bruce Harris, *The USA and the Italo-ethiopian crisis*, Stanford, 1964. Para as minorias negras americanas e também européias, vide Giuliano Procacci, *Dalla Parte dell’Etiopia*, op. cit., pp. 184-242; e para a canadense Luigi Bruti Liberati, op. cit., pp. 109-110. O caso dos negros das ilhas do Caribe é abordado por Robert Weisborn, op. cit., pp. 102-110 e o dos sul-africanos em Gabriele Sani, op. cit., pp. 264-270. Todos esses autores indicam bibliografia complementar.

<sup>30</sup> Vide “Por causa da guerra”, *A Platea*, 21 nov. 1935, onde é noticiado que um negro e um italiano entraram em luta corporal na praça do Correio, em São Paulo, após discutirem sobre a Abissínia. Ver também a carta de Metello Benedetti a Pilo Bovani, 7 nov. 1935, Archivio Centrale dello Stato/Casellario Politico Centrale (doravante ACS/CPC), b. 491, p. 32862, “Benedetti, Metello”, onde ele reclama da hostilidade dos negros brasileiros contra os italianos por causa da guerra.

<sup>31</sup> Nádía Venturini, op. cit.

<sup>32</sup> Vide “O negro brasileiro desperta e fecha os punhos num movimento de protesto”, *A Platea*, 22 out. 1935, onde os negros proclamam solidariedade com os “verdadeiros italianos”.

conjuntas,<sup>33</sup> fizeram reuniões na sede da associação antifascista italiana de São Paulo, *Lega Lombarda*,<sup>34</sup> e há até registros de italianos tentando organizar os negros para lutar contra a guerra fascista.<sup>35</sup> Essa ação conjunta dos negros e dos antifascistas irritava o governo italiano e o levava até a preocupações paranóicas, como demonstram documentos de época temendo a aliança desses grupos.<sup>36</sup>

Com isso, podemos concluir que as elites econômicas, as classes dirigentes, boa parte da intelectualidade e os movimentos mais à direita apoiaram a guerra fascista, enquanto os movimentos antifascistas e de esquerda e parte não quantificável das classes populares sustentaram o lado abissínio na guerra. São, porém, apenas conclusões iniciais que indicam a necessidade de uma boa monografia a respeito do tema.

A mesma falta de informações aparece quando abordamos a guerra da Espanha e a intervenção italiana na mesma. De fato, as informações disponíveis nos arquivos italianos são poucas e contraditórias<sup>37</sup> e tudo o que podemos afirmar com certeza é que não só o governo brasileiro, a Igreja e o grosso da imprensa apoiavam os nacionalistas e Franco (e, por tabela, a intervenção italiana), como havia uma rigorosa proibição, por parte do governo, às manifestações de apoio aos republicanos,<sup>38</sup> que, entretanto, recebiam o apoio de

---

<sup>33</sup> Vide “Italianos, negros, brasileiros, homens de todas as raças comparecem ao comício monstro de domingo”, *A Platea*, 11 out. 1935; “Italianos e negros confraternizam”, *A Platea*, 14 nov. 1935; e “A Federação dos negros do Brasil”, *A Platea*, 15 nov. 1935.

<sup>34</sup> Vide “Frente negra brasileira”, 15 nov. 1935, in Arquivo do Estado de São Paulo/Delegacia de Ordem Política e Social, Prontuário, 1538.

<sup>35</sup> É o caso de Giuseppe Sgai, registrado em relatório do Consulado italiano de São Paulo, 13 mar. 1936, disponível em ACS/CPC, b. 4787, p. 62471, “Sgai, Giuseppe”.

<sup>36</sup> ACS/Min Int, Divisione Generale di Pubblica Sicurezza (doravante DGPS), Divisione Affari Generali e riservati, b. 55, 1938, p. “Massoneria — Brasile”, relatório consulado italiano de São Paulo, 25 abr. 1938.

<sup>37</sup> Um relatório de 1937, por exemplo, informava que a opinião pública brasileira era pró-Itália durante a guerra, cf. ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 5, p. “Stampa Brasiliana”, relatório embaixada italiana, 12 jul. 1937; enquanto em 1938, um italiano residente no Brasil teria afirmado, durante visita a Milão, que a opinião pública brasileira apoiava o fascismo e sua doutrina mas que, cansada da ambição insaciável de Mussolini, não estava dando seu apoio à guerra espanhola, cf. ACS/MinInt, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 23, f. “Brasile — Propaganda antifascista”, informe de origem desconhecida, Milão, 13 set. 1938.

<sup>38</sup> O exame da documentação fascista existente na América Latina sobre a Guerra da Espanha contém volumosos dossiês sobre a Argentina, o México, a Bolívia etc., mas nada sobre o Brasil. Um sinal, talvez, da força do bloqueio imposto pelo governo às atividades pró-republicanas. Ver ASMAE/Archivio Gabinetto (1923-1943), Parte Seconda (1930-1943), Ufficio Spagna, diversas pastas.



artistas e intelectuais.<sup>39</sup> Novamente, a necessidade de uma monografia específica sobre o tema parece imperativa.

O período final da década de 1930 é mais documentado e por isso surgem alguns aspectos muito reveladores da imagem do fascismo no Brasil no período.

O primeiro desses aspectos é a forte atração que o modelo corporativo exercia sobre intelectuais, políticos, industriais e outros membros das classes dirigentes brasileiras. O auge dessa popularidade foi justamente nesse período, quando muitos viam no fascismo o governo ideal para o Brasil e a única alternativa contra o comunismo<sup>40</sup> e quando o Estado Novo varguista absorveu algumas idéias dos regimes autoritários europeus, como a organização corporativa da sociedade, a necessidade de um líder carismático, alguma simbologia, etc.

Um aspecto bastante revelador é que essa absorção e reelaboração de ideais fascistas por setores da máquina estatal e da sociedade brasileira do período<sup>41</sup> privilegiou o fascismo italiano (e, também, o regime de Salazar em Portugal e outros regimes autoritários latinos europeus) e ignorou e/ou desprezou o regime nazista alemão,<sup>42</sup> cujas idéias tinham bem menos repercussão na sociedade do que as fascistas.

As razões para essa maior popularidade do fascismo em detrimento do nazismo são várias: imigração italiana de fácil assimilação, sem criação de “quistos étnicos” como os alemães e japoneses; moderação e sutileza da propaganda italiana em comparação com a alemã, mais direta, visivelmente imperialista e menos aceitável para a opinião pública<sup>43</sup> (que tendia a ver, além disso,

---

<sup>39</sup> Ver Thaís Battibugli, *A participação brasileira na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e as repercussões no país de Vargas, da Igreja e do PCB*, monografia de graduação, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1996, pp. 45-53 e J. Sebe Bom Meihy, “O Brasil no contexto da Guerra Civil Espanhola”, *O Olho da História — Revista de História Contemporânea*, Salvador, v. 2, n. 2, 1996, pp. 117-122.

<sup>40</sup> Vide ADA, rolo 4/380, código 832,00, relatório “Italian Activities in Brazil”, de 6 fev. 1939, fotograma 19, p. 24; e ACS/MinCulPop, DGP, b. 273, f. 10, sottof. 4, p. “Fascismo e rexismo”, informe embaixada italiana, 31 ago. 1936.

<sup>41</sup> O que não quer dizer, note-se, que concordemos com as interpretações que identificam no varguismo um tipo de fascismo. Apenas consideramos que os construtores do Estado Novo não deixaram de ter um olhar voltado para o que ocorria na Europa e se utilizaram das experiências e informações que vinham de lá, sem que isso implicasse na construção de um Estado totalitário, ou mesmo fascista, no Brasil.

<sup>42</sup> É ponto pacífico que existiam muitos simpatizantes do regime e das idéias totalitárias, racistas e anti-semitas dos nazistas nos mais diversos ramos da sociedade brasileira de então (e também na colônia alemã), mas as pesquisas do autor indicam que, pelos motivos expostos a seguir, a simpatia pelo fascismo era maior do que aquela manifestada em relação ao nazismo.

com mais bons olhos a versão italiana de fascismo do que a alemã) e, especialmente, a idéia de que a Itália não era, ao contrário da Alemanha, uma ameaça ao Brasil. Ou como registrava um diplomata americano em 1939:

Quase sem exceção, os residentes locais com os quais a questão das atividades do fascismo e do nazismo tem sido discutida tendem a ignorar o lado fascista da questão e confinam suas observações às atividades alemãs. O sentimento geral é que qualquer ameaça séria à democracia ou à independência do Brasil viria da Alemanha e não da Itália.<sup>44</sup>

Esse prestígio fascista vai sofrer um certo abalo a partir do momento em que o regime assumiu um caráter ostensivamente imperialista<sup>45</sup> e procurou caminhar em direção ao totalitarismo<sup>46</sup> e, especialmente, quando a Itália se aproximou da Alemanha nazista.<sup>47</sup> Jamais, porém, a opinião pública deixou de separar a simpática e confiável Itália e seu Duce dos ameaçadores alemães<sup>48</sup> e confiar que a Itália não faria a guerra ao lado da Alemanha, o que é um dado esclarecedor sobre a percepção que a sociedade brasileira tinha dos diferentes regimes fascistas naqueles anos. Voltaremos obrigatoriamente ao tema no decorrer do texto.

Com a contínua aproximação do governo brasileiro com os aliados e a forte propaganda destes na direção dos ideais democráticos, o prestígio do fascismo começou um processo de declínio que se acentuou com a guerra itali-

---

<sup>43</sup> Ver PRO, FO 371/34, relatório da embaixada britânica, 9 ago. 1939, pp. 65-66; e ADA, rolo 4/380, código 832,00, relatório "Italian Activities in Brazil", 6 fev. 1939, fotograma 19, pp. 20-21 e 47. Essa situação, aliás, parece não ter sido exclusiva do Brasil, cf. Vide Jerzy Borejzsa, *Il fascismo e l'Europa Orientale*, Bari, Laterza, 1971, para o caso dos países do Leste Europeu.

<sup>44</sup> PRO, FO 371/34, relatório da embaixada britânica, 9 ago. 1939, pp. 79-80. Ver também PRO, FO 371/30361, R4770, diversos documentos e especialmente relatório de 22 mar. 1942 e FO 371/29935, R811, diversos documentos.

<sup>45</sup> Ver ADA, rolo 4/380, código 832,00, relatório "Italian Activities in Brazil", 6 fev. 1939, fotograma 19, p. 62, onde os diplomatas americanos registravam que os novos rumos do regime faziam o fascismo perder prestígio; e ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 22, p. "Stampa", *Rassegna della Stampa*, set.-out. 1939, onde há indícios de que o prestígio da Itália crescia quando ela parecia querer conduzir o processo de paz europeu e evitar a guerra e diminuir quando esta assumia seu lado belicoso.

<sup>46</sup> Segundo a embaixada italiana, as leis raciais e anti-semitas, por exemplo, foram muito mal vistas no Brasil. Idem, b. 15, p. "Brasile e Itália", informe embaixada italiana, 28 jul. 1938.

<sup>47</sup> Idem. Ver também ASMAE/MinCulPop, b. 49, p. "A Batalha", onde o jornal *A Batalha* (Rio de Janeiro, jul. 1939) ataca os excessos pagãos e racistas do fascismo e do nazismo.

<sup>48</sup> ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 17, p. "Documentazione — 1938", telexpresso embaixada italiana, 4 out. 1938 e PRO, FO 371/22725, A11984, relatório da embaixada britânica, 14 jan. 1939, p. 29.

ana ao lado dos nazistas e com a entrada do Brasil na guerra, em 1942. Os italianos residentes no Brasil sofreram sanções econômicas e morais (como o confisco dos bens e proibição do uso da língua italiana) e tumultos antifascistas e antiitalianos ocorreram em várias cidades brasileiras.<sup>49</sup> Os próprios italianos reconheciam, porém, que a histeria anti Eixo era dirigida muito mais aos alemães e japoneses do que aos italianos.

Temos, assim, um quadro geral das diferentes fases e imagens com que o fascismo foi recebido na sociedade brasileira e poderíamos passar imediatamente à análise de certas peculiaridades e sutilezas dessa imagem. Nos parece cabível, porém, fazer antes uma rápida verificação sobre o estado da questão em outros contextos, como forma de verificar a possível especificidade do caso brasileiro.

Em relação aos primeiros anos do movimento e do regime fascista, a opinião pública brasileira em geral parece ter se comportado de forma semelhante à de outros países,<sup>50</sup> considerando-o um remédio específico para os problemas da Itália e bem vindo, já que restaurava a ordem num país no caos e bloqueava qualquer possibilidade de a esquerda assumir o poder. Alguma hesitação dos liberais em apoiar um regime ditatorial e uma certa confusão na

---

<sup>49</sup> Idem, b. 27. Nessa fonte há um grande número de relatórios a respeito dessas tensões entre brasileiros e italianos.

<sup>50</sup> Para o caso inglês, ver William Shorrock, “France and the rise of fascism in Italy, 1919-23”, *Journal of Contemporary History*, v. 10, n. 4, out. 1985, pp. 591-610; Enrico Serra, “Diplomazia italiana, propaganda fascista e immagine della Gran Bretagna”, *Rivista di storia contemporanea*, v. 15, 3 jul. 1986, pp. 442-477; Ennio Di Nolfo, “L’opinione pubblica europea e l’ascesa al potere di Mussolini”, *Il Mulino*, ano 3, v. 10, f. 36, out. 1954, pp. 635-647; Richard Bosworth, “The British press, the conservatives and Mussolini, 1920-1934”, *Journal of Contemporary History*, v. 5, n. 2, 1970, pp. 163-182; P. Edwards, “The Foreign Office and fascism, 1924-1929”, *Journal of Contemporary History*, v. 5, n. 2, 1970, pp. 153-161, 1970; e Stuart Woolf, “British attitudes toward fascism, 1922-1940”, in *Inghilterra e Italia nel 900*, Firenze, La Nuova Italia, 1973, pp. 183-191. Para o caso francês, ver Ennio Di Nolfo, op. cit.; Corrado Vivanti, “La stampa francese di fronte al fascismo (luglio 1922 — gennaio 1925)”, *Rivista Storica del Risorgimento*, v. 7, n. 24, jan/abr 1975, pp. 52-92; Pierre Milza, *L’Italie fasciste d’avant l’opinion française, 1920-1940*, Paris, Armand Colin, 1967; idem, *Le fascisme italien et la presse française, 1920-1940*, Paris, Complexe, 1987. Informações sobre a situação nos Estados Unidos: John Diggins, *L’America, Mussolini e il fascismo*, op. cit.; Philip Cannistraro, “Il fascismo italiano visto dagli Stati Uniti: cinquant’anni di studi e di interpretazioni”, *Storia Contemporanea*, v. 2, n. 3, set/1971, pp. 599-622; e Claudia Damiani, *Mussolini e gli Stati Uniti, 1922-1935*, Bologna, Cappelli, 1980. Informações sobre o Canadá e a Austrália: Luigi Bruti Liberati, “La comunità canadese tra le due guerre”, in Bruno Bezza, *Gli italiani fuori d’Italia*, Milano, Franco Angeli, 1983, pp. 397-418; “OVRA e Royal Canadian Mounted Police a confronto: il controllo politico sulla comunità italo canadese negli anni tra le due guerre mondiale”, *Storia Contemporanea*, v. 15, n. 3, jun. 1984, pp. 421-441; e Gianfranco Cresciani, *Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia*, Roma, Bonacci, 1979.

esquerda também não parecem ter sido incomuns,<sup>51</sup> enquanto a preocupação de vários países com a política externa do fascismo<sup>52</sup> obviamente não existia num país distante como o Brasil. Dessa forma, o grosso da opinião pública e da mídia brasileiras parecem ter compartilhado da boa impressão geral que o fascismo suscitou ao ter restaurado a ordem e bloqueado qualquer possível ameaça comunista na Itália.

No período entre 1925 e 1935, o crescente expansionismo fascista causou apreensão cada vez maior em círculos intelectuais, políticos e da opinião pública do Reino Unido e, especialmente, da França, mas sólidos blocos da opinião pública desses países (especialmente no Reino Unido) continuavam a apoiar o regime,<sup>53</sup> inclusive pela descoberta do corporativismo como possível remédio para os males sociais do capitalismo. Foi o que ocorreu também nos Estados Unidos.<sup>54</sup> No Brasil, porém, não só não há indícios de que o prestígio do fascismo tenha sofrido qualquer dano por estes motivos no período considerado (o que é explicável pela falta de preocupação brasileira com os conflitos territoriais na Europa), como este se reforçou ainda mais com essa divulgação do corporativismo como remédio universal para os males sociais.

Foi por essa época, também, que o fascismo deixou de ser visto como uma questão especificamente italiana e passou a ser compreendido como um proble-

<sup>51</sup> Ver, para o caso dos trabalhistas do Reino Unido, Charles Keserich, “The British labour press and Italian fascism, 1922-1925”, *Journal of Contemporary History*, v. 5, n. 2, 1970, pp. 153-161; para as primeiras hesitações dos liberais britânicos frente ao fascismo: Aldo Berselli, *L'opinione pubblica inglese e l'avvento del fascismo*, Milano, Franco Angeli, 1971,.

<sup>52</sup> Ver para o caso britânico A. Manning, “Reports of the British embassy in Rome on the rise of fascism”, *Risorgimento — Revue européenne d'histoire italienne contemporaine*, v. 1, n. 1, 1980, pp. 33-55; para o caso canadense: Luigi Bruti Liberati, *Il Canada...*, op. cit. e “La comunità canadese...”, op. cit.

<sup>53</sup> Sobre essa fase áurea da popularidade fascista no exterior, entre 1925 e 1935, ver Richard Bosworth “Mito e linguaggio nella politica estera italiana”, in Richard Bosworth e Sérgio Romano, *La politica estera italiana (1860-1985)*, Bologna, Il Mulino, 1991, pp. 35-67, onde o autor vai nos alertar para o fato de que tal popularidade não era tão dominante quanto os fascistas e a historiografia posterior propuseram, o que é importante, mas que não modifica nossas conclusões gerais.

<sup>54</sup> Ver John Diggins, *L'America, Mussolini e il fascismo*, op. cit.; Philip Cannistraro, op. cit.; Maurizio Vaudagna, “Il corporativismo nei giudizi dei diplomatici americani a Roma (1930-1935)”, *Studi Storici*, v. 16, n. 3, jul.-set. 1975, pp. 764-796; e Luciano Iorizzo e Salvatore Mondello, “Italian American Fascism”, *The Italian Americans*, New York, Twayne Publishers, 1971, pp. 193-208. Segundo Claudia Damiani, op. cit., porém, a popularidade fascista nos EUA entre 1925 e 1935 teve dois momentos: um de afastamento pelos crescentes expansionismo e autoritarismo fascista, entre 1925 e 1930, e um de aproximação (devido a Latrão, moderação na política externa, a descoberta do corporativismo etc.), entre 1930 e 1935.

ma de caráter global. Isso se refletiu numa proliferação de partidos de caráter fascista em quase toda a Europa e a América e numa mudança de posição da esquerda mundial que, ao invés de pensar no fascismo como algo italiano e reduzir, salvo exceções, o seu combate à mera solidariedade com os antifascistas italianos refugiados (como ocorria na década de 1920), passou a atuar em peso na luta antifascista. Isso gerou uma grande polarização política em vários países, com a extrema direita local se alinhando (mesmo quando não era esse o desejo de Roma) com os fascistas italianos e procurando manter a opinião pública a seu favor e a esquerda no pólo oposto. Isso se deu também, sem dúvida, no Brasil, onde o surgimento da Ação Integralista Brasileira criou um firme defensor do fascismo dentro da opinião pública e a formação das frentes únicas contra o fascismo permitiu aos antifascistas italianos, até então relativamente isolados da política nacional,<sup>55</sup> um maior sucesso na tarefa de estender à opinião pública brasileira<sup>56</sup> a mensagem antifascista.

A guerra da Abissínia parece ter abalado a boa imagem do fascismo em países tão diversos como a França,<sup>57</sup> o Reino Unido<sup>58</sup> e os Estados Unidos,<sup>59</sup> onde, apesar de ter continuado em certos círculos alguma simpatia generalizada e a esperança de “recuperar” a Itália para o campo aliado, a face agressiva do fascismo roubou boa parte de sua popularidade.<sup>60</sup> Já no Brasil, tudo indica que a guerra não teve um grande efeito negativo sobre a imagem fascista, senão o contrário.

No final da década de 1930, porém, encontramos a maior disparidade entre o Brasil e outros países, como a França,<sup>61</sup> o Uruguai<sup>62</sup> e os Estados Unidos,<sup>63</sup>

---

<sup>55</sup> João Fábio Bertonha, “La Base sociale dell’antifascismo a São Paulo: un’analisi, 1923-1930”, in Vanni Blengino, *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell’emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Milano, Nicola Teti, 1994, pp. 390-399; idem, “Entre burgueses e operários — A representatividade social do antifascismo socialista italiano — São Paulo, 1923-1934”, *História Social*, Campinas, v. 1, n. 1, 1994, pp. 117-144.

<sup>56</sup> João Fábio Bertonha, “A resistência além-oceano [...], op. cit.

<sup>57</sup> Pierre Milza, “L’image de l’Italie fasciste dans la France des années 1936-1939”, in Jean Baptiste Duroselle, *Italie e Francia dal 1919 al 1939*, Milano, ISPI, 1981, pp. 271-303. Ver também outros trabalhos do autor citados na nota 50.

<sup>58</sup> Richard Bosworth, “The British press,...”, op. cit.

<sup>59</sup> Philip Cannistraro, op. cit.; John Diggins, *L’America, Mussolini e il fascismo*, op. cit.; David Schmitz, *The United States and Fascist Italy, 1922-1940*, Chapel Hill and London, The University of North Carolina Press, 1988; Claudia Damiani, op. cit.

<sup>60</sup> O caso do Canadá é bastante singular nesse aspecto, pois a guerra abalou a imagem do fascismo entre os anglo-canadenses, mas a consolidou, por razões de política local, entre os habitantes de Quebec, cf. os trabalhos citados de Luigi Bruti Liberati; e Filippo Salvatore, “Il fascismo e gli italiani in Canada”, *Storia Contemporanea*, v. 27, n. 5, out. 1996, pp. 833-862.

onde a deterioração da imagem positiva do regime italiano, iniciada a partir da guerra da Abissínia, foi acelerada com o avanço do fascismo em direção ao totalitarismo — incompleta mas presente, ao menos como projeto — e ao imperialismo. No Brasil, na mesma ocasião, essa queda de popularidade foi mínima, dados os traços autoritários da sociedade brasileira de então e a outros elementos já mencionados anteriormente, só se verificando efetivamente uma perda maior daquela popularidade quando da aproximação do Brasil com os aliados e, posteriormente, com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, em 1942. Isso é o que diferencia a situação brasileira da dos demais países ocidentais e indica a especificidade da opinião pública brasileira naqueles anos.

Completado, assim, o objetivo de confrontar o caso brasileiro com o de outros países, podemos retomar a tarefa interrompida e partir para o trabalho de detalhar certas nuances e sutilezas do quadro geral já apresentado. Nesse sentido, a primeira distinção fundamental a ser trabalhada é aquela feita sem problemas por parte substancial da opinião pública brasileira durante o período considerado e que diferenciava o fascismo da Itália de sua ação no Brasil.

### ***O fascismo na Itália e o fascismo no Brasil: lados diferentes de uma mesma moeda***

Os órgãos do governo e do partido fascista italiano no Brasil ficavam normalmente indignados pelo fato de boa parte da imagem fascista no país ser elaborada não a partir da grandeza e das realizações do regime, mas de suas políticas e atos locais. Ou, como dizia um elucidativo relatório do consulado italiano de São Paulo, de 16 de abril de 1929:

Daí nasce a aversão ao Regime, acusado de subtrair “brasileiros ao Brasil”. O estudo da essência doutrinária e da prática de governo do fascismo não interessa. São os pequenos episódios locais — o jovem que frequenta a escola italiana vestido de balila, o grito fascista pronunciado no estádio pelo time do “Palestra Itália”, o “Evviva Roma!!” gritado por um nadador italiano que chega em primeiro em uma importante competição no Club Esperia — que oferecem ocasião

---

<sup>61</sup> Anne Marie Bianchi, “L’opinion grenobloise sur l’Italie et les Italiens de 1938 a 1946”, in Gianni Perona, *Gli italiani in Francia, 1938-1946*, Milano, Franco Angeli, 1994, pp. 295-323.

<sup>62</sup> Gianni Marocco, *Sull’altra Sponda del Plata. Gli italiani in Uruguay*, Milano, Franco Angeli, 1986; idem, “Per una storia della collettività italiana in Uruguay: l’incidente di Durazno (1941)”, *Quaderni*, São Paulo, n. 4, jun. 1993, pp. 167-186. Ver também Juan Oddone, *Uruguay entre la depresión y la guerra*, Montevideu, FCU, 1990.

<sup>63</sup> David Schmitz, op. cit.

à imprensa de assinalar o “perigo fascista” e de iniciar campanhas e polêmicas. [...]

Não é raro eu escutar de jornalistas e homens políticos adversários do Regime que eles não sabem realmente nada das origens, do espírito e das realizações do Fascismo, mas que o afrontam porque o reforço do sentimento patriótico que este traz à coletividade italiana retarda o processo de assimilação.<sup>64</sup>

Essa citação indica claramente o primeiro ponto sobre o qual continuamente a imprensa e a opinião pública brasileira entravam em atrito com o fascismo: a sua política de tentar retardar a assimilação dos imigrantes italianos e, especialmente, de seus filhos nascidos no Brasil.

Encontrar exemplos da firme reação da mídia e da opinião pública brasileira contra esse estado de coisas é algo bastante simples. No fim da década de 1920, por exemplo, um jornal de São Paulo publicou notícias sobre crianças brasileiras, filhas de italianos, sendo levadas para a casa do cônsul italiano, onde o saudaram com a saudação fascista e onde uma menina fez um discurso em italiano e chamando a Itália de pátria. O jornal se indignou contra tal prática e pediu imediata intervenção da Inspetoria de Educação nas escolas estrangeiras.<sup>65</sup> A distribuição de livros e cadernos com material de propaganda italiano e fascista nas escolas italianas no Brasil também chocava a opinião pública e as autoridades, que chegaram a fazer diligências para apreender tal material.<sup>66</sup>

A questão se refletia também em locais como a Câmara dos Deputados de São Paulo, onde não era incomum, por exemplo, o posicionamento do deputado Alfredo Ellis que, apesar de considerar os italianos excelentes elementos e bons trabalhadores, condenava vigorosamente qualquer tentativa de manutenção dos seus laços com a pátria de origem:

Defendia o senador peninsular a idéia de que o imigrante traz perpetuada, na esteira de sua travessia, a nacionalidade de origem, que transmitirá aos seus descendentes, que estão na obrigação de mantê-la. Queria ainda [...] fosse criado um

---

<sup>64</sup> Cf. ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1929, b. 1922, p. “Brasile — Movimento sovversivo, 1929”.

<sup>65</sup> “As escolas estrangeiras no Brasil”, recorte não identificado, mas seguramente de fins da década de 1920, em Arquivo Antonio Piccarolo, pasta 16, p. 15. Ver também, no mesmo arquivo, “A infiltração fascista no Brasil”, *Diário Nacional*, 25 jul. 1929 e a resposta fascista em Nunzio Greco, “Un altro attacco fallito della offensiva antifascista”, *Il Piccolo*, 27 jul. 1929.

<sup>66</sup> Ver José Arthur Rios, op. cit., p. 61; e Júlio de Revoredo, *Imigração*, São Paulo, Paulista, 1934. Ver outros exemplos em Ângelo Trento, “Il fascismo e gli italiani in Brasile”, *Latinoamerica*, v. 9, n. 29, jan.-mar. 1988, pp. 49-56, especialmente p. 51.

aparelhamento na fiscalização no país de imigração, afim de que o imigrante aqui fosse tratado como proprietário, que lhe fosse garantido o exercício de sua nacionalidade primitiva e que lhe fosse facultado o idioma de nascimento e outras coisas muito agradáveis para o imperialismo dos países de emigração, mas incompatíveis com a soberania e a dignidade dos países de imigração.<sup>67</sup>

É curioso notar também que os antifascistas italianos em ação no Brasil se utilizavam justamente desse temor brasileiro relacionado com a política nacionalista fascista dirigida aos imigrantes para tentar obter maior apoio e difusão para a sua causa.<sup>68</sup> Aparentemente, eles foram bem sucedidos nesse ponto e recebiam apoio de parte substancial da mídia escrita e da opinião pública quando defendiam a completa identificação dos ítalo-brasileiros com o Brasil. Não conseguiram fazer, porém, com que tal apoio extravasasse os limites dessa questão, o que foi bastante decepcionante para eles. Podemos perceber, de qualquer forma, a importância desse ponto para o relacionamento de fascistas e antifascistas italianos com os brasileiros naquele momento.

Na realidade, toda essa discussão sobre a identidade dos filhos de italianos pode ser compreendida dentro do contexto da época, com a renovada política fascista de “recuperar” italianos para a Itália e o despertar, por diversas razões,<sup>69</sup> do nacionalismo brasileiro amplificando a questão e radicalizando as posições de lado a lado. Vê-se, assim, que a disputa entre a opinião pública brasileira e os fascistas a respeito dessa questão não era um fato isolado, mas uma manifestação de um conflito maior (a busca da identidade e da lealdade dos imigrantes estrangeiros e seus filhos) que estava em pleno desenvolvimento naqueles anos e que gerava grandes tensões entre o fascismo e os brasileiros.

---

<sup>67</sup> Atas da Câmara dos Deputados de São Paulo, 1927, pp. 353-354, citado em Maria Teresinha Janine Ribeiro, *Desejado e temido — Preconceito contra o imigrante italiano em São Paulo na Primeira República*, dissertação de Mestrado em História, São Paulo, USP, 1985, pp. 165-166.

<sup>68</sup> Para as cuidadosas técnicas dos antifascistas italianos para atingir o público brasileiro através dessas questões, vide João Fábio Bertonha, “Mazzolini vs. Piccarolo: Fascismo e antifascismo a confronto nella San Paolo degli anni 20”, *Letterature d’America*, n. 47-48, 1992, pp. 138-160; idem, “Contra o fascismo e contra Mussolini: as estratégias dos socialistas italianos de São Paulo na luta contra o fascismo, 1923-1934”, *Textos de História*, Brasília, v. 4, n. 1, 1996, pp. 39-73.

<sup>69</sup> Ver Mário Carelli, *Carcamano e comendadores — Os italianos de São Paulo da realidade à ficção, 1919-1930*, São Paulo, Ática, 1985, cap. 1, item C; José Arthur Rios, op. cit., pp. 59-61; Bóris Fausto, “Imigração e participação política na Primeira República: o caso de São Paulo”, *Imigração e política em São Paulo*, São Paulo, Sumaré, 1995, pp. 7-26; e, especialmente, Maurício Font, *Coffee, Contention and Change in the making of modern Brazil*, Oxford, Basil Blackwell, 1990.



Tal situação de irritação da opinião pública com a tentativa fascista de retardar a absorção dos filhos de italianos nos países de imigração não foi exclusivo do Brasil, tendo se verificado também nos Estados Unidos,<sup>70</sup> na Austrália,<sup>71</sup> na França<sup>72</sup> e em outros locais. Nesses países se verificou também o segundo grande motivo de atrito entre a população brasileira (ou ao menos de setores da mesma) com o fascismo: a questão da soberania nacional.

De fato, não só as atividades fascistas em meio às coletividades italianas locais irritavam profundamente os brasileiros, por parecerem um desrespeito à soberania nacional,<sup>73</sup> como a instalação de seções do PNF em solo brasileiro parecia ser uma afronta intolerável, que não devia ser aceita em nenhuma circunstância e que podia levar, inclusive, a desdobramentos políticos bastante peculiares:

Até agora, os italianos têm convivido conosco na mais perfeita harmonia. Trabalham, enriquecem, passam com os brasileiros as boas e as más horas [...]. Já começam a aparecer, porém, entre a colônia italiana, pruridos de organização política especializada. Os italianos fascistas arrematam-se. Um sr. Deputado Bastianini anuncia a sua vinda em março para inspecionar as decúrias e centúrias fascistas. A direção dos camisas negras cabe ao Cav. Braz Altieri, italiano residente em São Paulo [...]

O jornal *A Gazeta* acha excelente a idéia de arrematar os fascistas do Brasil. Não compartilhamos esse entusiasmo ingênuo. O melhor, o mais prudente seria ficarem os italianos como têm estado até agora: independentes das lutas políticas de sua distante pátria [...]

---

<sup>70</sup> Ver Gian Giacomo Migone, “Gli Stati Uniti e le comunità italoamericane: la missione di Gelasio Caetani (1922-1925)”, in *Problemi di storia nei rapporti tra Italia e Stati Uniti*, Torino, Rosenberg & Sellier, 1971, pp. 25-41; idem, *Gli Stati Uniti e il fascismo — Alle origini dell’egemonia americana in Italia*, Milano, Feltrinelli, 1980; e Philip Cannistraro, “Per una storia dei fasci negli Stati Uniti (1921-1929)”, *Storia Contemporanea*, v. 26 n. 6, dez. 1995, pp. 264-268.

<sup>71</sup> Gianfranco Cresciani, op. cit., cap. 2.

<sup>72</sup> Ralph Schor, “L’image de l’Italien dans la France de l’entre deux guerres”, in Pierre Milza, *Les italiens en France de 1914 a 1940*, Collection de L’école Française de Rome 94, Roma, Ecole Française de Rome, 1986, pp. 87-109; idem, “Les italiens dans les Alpes Maritimes, 1938-1946”, in Pierre Milza, op. cit., pp. 576-607; idem, “L’image des italiens dans les Alpes Maritimes, 1938-1946”, in Pierre Milza e Dennis Peschanski, *Exils et migration — Italiens et espagnols en France, 1938-1945*, Paris, L’Harmattan, 1994, pp. 299-311.

<sup>73</sup> Vide, por exemplo, a irritação do jornal *O Combate* quando os jogadores do *Palestra Itália* cumprimentaram o cônsul Serafino Mazzolini com a saudação fascista em 1928 e o contínuo confronto entre fascistas e antifascistas italianos para decidir quem seriam realmente aqueles que violavam as leis do país em “Eia, eia Alalá”, *O Combate*, 24 set. 1928, e os nossos textos citados na nota 68.

Permitir que o fascismo, seita política intolerante e violenta, se arregimente como tal no Brasil é abrir a porta para que o comunismo também reclame para si o mesmo direito.<sup>74</sup>

O exemplo mais claro da importância dessa questão da soberania nacional para a construção da imagem do fascismo e do antifascismo italianos no Brasil, contudo, foi o grande debate sobre a chegada do líder antifascista conde Francesco Frola ao Brasil em 1926. O governo italiano usou de todos os meios para tentar impedir seu desembarque, o que levou a intenso debate público sobre o caso e a vitória, aparentemente, de uma posição favorável a Frola dentro da opinião pública brasileira. O interessante, porém, é que o que estava em discussão<sup>75</sup> não era o fascismo ou o antifascismo, mas a questão da ingerência do governo fascista nos assuntos internos brasileiros. Novamente, portanto, é a questão da soberania que volta à tona.

Como já ressaltado, toda essa problemática só faz sentido dentro de um contexto onde o medo dos estrangeiros potencialmente subversivos, em ascensão social e, possivelmente, política, levou setores das elites brasileiras a defender uma política para assimilar rapidamente os imigrantes e recriar uma pátria brasileira que parecia dissolver-se nas ondas de estrangeiros.<sup>76</sup> É dentro desse pano de fundo que podemos entender também o momento mais emblemático desse conflito dos nacionalismos italiano e brasileiro: o empastelamento do jornal *Il Piccolo*, em 1928.

### ***O empastelamento do Il Piccolo, 1928***

O caso da destruição da sede do jornal *Il Piccolo*, em São Paulo, em 1928, certamente não foi o único atrito causado pelo choque de nacionalismos naqueles anos. De fato, sabemos, por exemplo, do ataque às sedes do jornal *Fanfulla* e da empresa FIAT, em 1930, pelo apoio destes ao governo Washington Luís,<sup>77</sup> da sólida reação e indignação no Brasil contra certos artigos de

---

<sup>74</sup> Matéria publicada no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro e reproduzida em “Echi”, *Il Piccolo*, 23 jan 1926. Ver também Mário Pinto Serva, “O fascismo no Brasil”, *Folha da Noite*, 4 jan. 1926, e inúmeros recortes de jornais brasileiros em ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1642, onde vários jornais se manifestavam contra a transferência de organismos fascistas para o Brasil.

<sup>75</sup> Para coleções quase completas de recortes sobre o caso Frola, vide ACS/CPC, b. 2188, p. 86826, “Frola, Francesco”, e Francesco Frola, *Da Parigi a São Paulo (Storia Documentata d'un fiasco Fascista)*, São Paulo, 1927; idem, *Recuerdos de un antifascista, 1925-1938*, Cidade do México, México Nuovo, 1938; idem, *Ventun'anni di esilio, 1925-1946*, Torino, Quartara, 1947.

<sup>76</sup> Ver Geraldo Rogatto, “Achiropita, fettuccine e vinho. Sobre a italianidade e a colônia italiana em São Paulo”, in José Luís De Boni, op. cit., pp. 411-424.

Oswaldo Brancaloni difamando a mulher brasileira, também em 1928,<sup>78</sup> etc. O caso do *Il Piccolo* foi, porém, o mais grave e que suscitou maiores controvérsias.

Apesar de denúncias de que o verdadeiro motivo do incidente estava no desvio de fundos e no enriquecimento ilícito de certos fascistas de São Paulo,<sup>79</sup> o seu estopim parece ter sido realmente a imensa falta de sutileza de um importante fascista italiano em atuação em São Paulo naquele momento, Luigi Freddi.<sup>80</sup> Tudo se iniciou com a morte do aviador Carlo del Prete no Brasil, em 1927, que levou a sonoras e pomposas manifestações fascistas em São Paulo. Quando uma jornalista brasileira, Maria Lacerda de Moura, publicou um texto em *O Combate* questionando a necessidade e a conveniência das mesmas,<sup>81</sup> Luigi Freddi respondeu com um violento artigo, nas colunas de *Il Piccolo*, onde ameaçava a autora e questionava a honra da mulher brasileira, o que serviu de ponto de partida para o conflito.<sup>82</sup>

Assim que o artigo de Freddi foi publicado, de fato, centenas de populares, especialmente estudantes de direito do largo de São Francisco, atacaram a sede do jornal (25 de setembro de 1928), destruindo seus equipamentos. Também pipocaram manifestações antiitalianas pela cidade, inclusive com gritos de “morte à Itália”, ao mesmo tempo em que parte da imprensa iniciou uma furiosa campanha contra a ação do fascismo no Brasil.<sup>83</sup> As repercussões da crise atingiram até o Legislativo estadual.<sup>84</sup> A firme ação da polícia (apesar das queixas do cônsul Mazzolini, que insistia em repressão ainda mai-

---

<sup>77</sup> Vide ASMAE/Affari Politici 1919-1930, b. 906, p. 1648, relatório da embaixada italiana, 26 out. 1930.

<sup>78</sup> Ver “Inqualificável e profundamente lamentável”, *A Platea*, 10 out. 1928.

<sup>79</sup> Vincenzo Ragonetti, “Perché il fascismo è mal visto in Brasile”, *Il Moscone*, 7 set. 1929; “Ma non è una cosa seria — Pirandello/Freddi”, *Il Risorgimento*, 26 set. 1928.

<sup>80</sup> Nascido em 1895, Luigi Freddi foi nacionalista, futurista, legionário de Fiume, fascista de primeira hora, vice-secretário dos *fasci all'estero* em 1927 e, posteriormente, responsável pela área de cinema do MinCulPop entre 1934 e 1939 e adepto da República Social Italiana. Ver Mario Missori, *Gerarchie e statuti del Partito Nazionale Fascista*, Roma, Bonacci, 1986, p. 210; e Philip Canistraro, *Historical Dictionary of fascist Italy*, Westport/London, Greenwood Press, 1982, p. 233. Ver também ACS/SPD, Carteggio riservato 1922-1943, b. 45, f. “Freddi, Luigi”.

<sup>81</sup> Ver os jornais da época e um resumo dos textos da autora em Maria Lacerda de Moura, “Da Amundsen a Del Prete”, São Paulo, *O Combate*, 1928.

<sup>82</sup> Ver Maria Teresinha Janine Ribeiro, op. cit., pp. 167-169; Maurício Font, op. cit., p. 202 e seguintes e, especialmente, Renè Getz, “O episódio do Il Piccolo em 1928”, *Anais da XVII Reunião da SBPH*, Curitiba, 1998, 295-300, para uma boa reconstrução factual do episódio, especialmente em sua parte jornalística.

or)<sup>85</sup> impediu que a sede do *Fanfulla*, o consulado e a residência do conde Matarazzo fossem atacadas.<sup>86</sup> A rápida intervenção dos governos brasileiro e italiano<sup>87</sup> e a remoção de Luigi Freddi do país conseguiram acalmar os ânimos, mas o ambiente esteve tenso na cidade por vários dias, com cargas de cavalaria pelas ruas, conflitos entre populares,<sup>88</sup> manifestações, etc.

Poderíamos supor, obviamente, que essa fúria popular contra o *Il Piccolo* era derivada de um firme sentimento antifascista e não da irritação que a ascensão política e social dos imigrantes e a aparente “arrogância” fascista contra o Brasil produzia em setores da sociedade brasileira. Essa suposição se desvanece, porém, quando examinamos quem foram os principais agentes do ataque ao jornal, ou seja, estudantes de direito, membros do Partido Democrático, do jornal *O Estado de São Paulo* e outros círculos da velha elite. Tais grupos não deixavam de ter uma certa inclinação à crítica do fascismo em termos políticos e em tons antifascistas, mas o que realmente parecia incomodá-los eram as questões nacionais internas do Brasil<sup>89</sup> e é nessas que devemos procurar o pano de fundo que permitiu que as simples palavras de um fascista desavisado produzissem os resultados que produziram.

Nesse sentido, podemos compreender como a mensagem fascista não era simplesmente absorvida pela sociedade brasileira, mas interpretada e reelaborada, gerando opiniões que, via de regra, se aproximavam de um padrão internacional, mas que, muitas vezes, refletiam condições puramente locais. Um indício do estágio da cultura política brasileira no Brasil daqueles anos e da com-

---

<sup>83</sup> Ver “O inimigo da colônia italiana”, *Diário da Noite*, 25 set. 1928; e ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1928, b. 35, p. “San Paolo (Brasile) — Dimostrazioni antiitaliane e devastazione giornale Piccolo”, documentos diversos.

<sup>84</sup> Ver Maria Teresinha Janine Ribeiro, op. cit., pp. 167-169.

<sup>85</sup> ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1642, relatório do cônsul Mazzolini, 20 out. 1928.

<sup>86</sup> “O empastelamento do *Il Piccolo* pelos estudantes, secundados pelo povo”, *A Platea*, 25 set. 1928; “O empastelamento do *Il Piccolo*”, *A Platea*, 26 set. 1928.

<sup>87</sup> “Conferência entre o chanceler brasileiro e o embaixador da Itália”, *A Platea*, 26 set. 1928. Ver também PRO, FO 371/13468, relatório “Brazil — Annual Report, 1928”, 30 nov. 1929.

<sup>88</sup> Ver o conflito entre dois motoristas de táxi da capital pela questão do *Il Piccolo* em “Não permitiu que o *chauffeur* fascista censurasse a briosa atitude do povo brasileiro”, *O Combate*, 26 set. 1928.

<sup>89</sup> Ver Maurício Font, op. cit., e Bóris Fausto, op. cit. O fato de os antifascistas italianos terem insistido com especial vigor na diferenciação italiano/fascista nesse momento pode ser considerado um outro indício de que estava realmente em jogo a luta contra o nacionalismo italiano e não a luta contra a ideologia fascista. Ver “O Brasil ainda é dos brasileiros”, *Diário da Noite*, 24 set. 1928, e “A campanha fascista”, *O Combate*, 12 set. 1928. Ver também nossos textos citados na nota 68.

plexidade dos caminhos que formavam a opinião pública naqueles anos conturbados da vida nacional.

### **Conclusão**

Durante séculos, o político foi a chave da História, com os temas clássicos das dinastias e da história dos Estados dando a tônica do trabalho dos historiadores. A Escola dos Anais e o marxismo renovaram a abordagem do político ao relacioná-lo ao todo social, mas, ao menos até certo ponto,<sup>90</sup> desprezaram-no em favor de uma história mais centrada no estrutural e no econômico.

Num esforço de reação contra estruturas aparentemente imóveis e de recuperação do político como instrumento de ação humana nessas estruturas (e não como mera emanção delas), a história política se recuperou tanto na tradição dos Anais,<sup>91</sup> como na historiografia de inspiração marxista (ou, ao menos, em sua vertente inglesa).<sup>92</sup> Essa volta se deu, porém, não na direção da velha genealogia de reis e dinastias, mas de uma história onde temas como micropolítica, identidade e mentalidades adquiriram especial relevância, criando o conceito de “cultura política”.<sup>93</sup>

A história da opinião pública<sup>94</sup> se encaixa nessa linha de pensamento, conectando-se à história das mentalidades e nos permitindo observar como os acontecimentos eram percebidos num determinado contexto e como essa percepção afetou os próprios acontecimentos, o que indica a sua importância dentro da história política.

Certamente, delimitar exatamente como a opinião pública influencia os acontecimentos e vice-versa é questão complexa, mas é justamente essa interinfluência a grande riqueza da história da opinião pública, capacitando-

---

<sup>90</sup> Ver Renè Remond, *Por uma história política*, Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996; Peter Burke, *A Escola dos Anais — A Revolução Francesa na historiografia*, São Paulo, UNESP, 1991; Eric Hobsbawn, “A volta da narrativa”, in *Sobre História*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 201-206.

<sup>91</sup> Ver Peter Burke, op. cit., e Renè Remond, op. cit. Ver também Gerard Noiriel, “Une histoire sociale du politique. Est elle possible?”, *Vingtième Siècle — Revue d’histoire*, n. 24, 1989, pp. 81-96.

<sup>92</sup> Ver Eric Hobsbawn, op. cit. Ver também João Fábio Bertonha, “Culturalismo e estruturalismo: Um debate com E.P. Thompson”, *Varia Storia*, n. 17, 1997, pp. 31-50.

<sup>93</sup> Ver especialmente Edward P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987; Maurice Agulhon, *La République au village*, Paris, 1970.

<sup>94</sup> Ver Jean Jacques Becker, “A opinião pública”, in Renè Remond, op. cit., pp. 185-211.

nos a definir, se não como ocorrem as decisões políticas, ao menos o quadro geral onde estas decisões são possíveis.

Explicar a opinião pública em torno de uma total uniformidade é tarefa impossível, pois não só as opiniões dos diferentes grupos que compõem as sociedades têm peso e intensidade diferentes, como estas estão permanentemente em transformação. Ainda assim, a recuperação de linhas gerais de pensamento e das tendências da opinião pública em contextos delimitados é tarefa possível e que merece ser feita. De fato, o que valoriza o estudo e a compreensão da opinião pública é que esta produz — especialmente nos países democráticos, mas não só neles — um quadro onde a atividade política, com toda a sua complexidade, pode se desenvolver.

No caso aqui abordado, a validade dessas reflexões é cristalina. Nunca, em nenhum momento, houve uma visão absoluta do fascismo na sociedade brasileira, estando essa visão, de fato, em contínua elaboração e reelaboração conforme as posições políticas e ideológicas dos diferentes grupos sociais e conforme a própria evolução do regime fascista e da sociedade brasileira. Em linhas gerais, porém, foi uma percepção positiva e amigável a maior parte do tempo.

Essa boa impressão do fascismo não foi, de forma alguma, decorrente de uma manipulação da opinião pública pela forte máquina montada pelo governo italiano no país naquele momento. Claro que essa manipulação ocorreu, mas ela não teria funcionado sem que as tendências “corretas” estivessem presentes na opinião pública ou, se quisermos usar os termos de Jean Jacques Becker, na obra já citada, sem que mentalidades coletivas adequadas estivessem disponíveis. Isso apenas ressalta a força das tradições autoritárias e de exclusão social na sociedade brasileira e a forte presença dessas tradições na cultura política nacional naqueles anos e mesmo posteriormente.

Que essa percepção positiva do fascismo italiano apoiou, dentro de certos limites, o esforço de construção política e ideológica do integralismo e do Estado Novo, é ponto pacífico,<sup>95</sup> mas é importante observar como o próprio desenvolvimento destes ajudou a manutenção e a ampliação da popularidade do fascismo no país, o que demonstra a circularidade e a interinfluência entre os acontecimentos e a opinião pública.

A popularidade do fascismo, além de não ter conseguido que os desígnios de Roma para o país fossem atingidos, também não impediu que o Brasil fizesse

<sup>95</sup> Ver João Fábio Bertonha, *Sob o signo do fascio* [...], tese de Doutorado, op. cit.

a guerra contra a Itália,<sup>96</sup> o que só confirma os limites do poder da opinião pública nas decisões políticas daquele momento.

Ainda assim, parece evidente que o fato de a opinião pública brasileira ser geralmente favorável ao fascismo na maior parte do período estudado teve reflexos políticos claros, como já observado. Do mesmo modo, ao percebermos como a opinião pública não absorvia simplesmente a imagem projetada pela Itália fascista, mas a interpretava e reelaborava (inclusive criando dicotomias como, por exemplo, entre o apoio ao fascismo e à sua ideologia e a firme recusa à sua ação no país e ao seu congêneres alemão) também segundo critérios locais, mas não só, podemos notar como dificilmente a opinião pública é mero receptáculo passivo de manipulação, com problemas e condições especiais condicionando as possibilidades e indicando os limites dessa manipulação. Um indício da riqueza que estudos desse tipo podem nos proporcionar e um estímulo para que eles continuem.

### ***Lista das siglas usadas nas notas de rodapé***

ACS/CPC — Archivio Centrale dello Stato/Casellario Politico Centrale

ACS/MinCulPop, DGP — Archivio Centrale dello Stato/Ministero della Cultura Popolare, Divisione Generale di propaganda

ACS/SPD — Archivio Centrale dello Stato/Segretaria Particolare del Duce

ADA — Arquivo Diplomático Americano

ASMAE — Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri

DGPS — Divisione Generale di Pubblica Sicurezza

MinCulPop — Ministero della Cultura Popolare

PRO, FO — Public Record Office, Foreign Office

*[Recebido para publicação em março de 1999]*

---

<sup>96</sup> João Fábio Bertonha, “O Brasil, os imigrantes italianos [...], op. cit.